

## Obituário

# “Do espaço não dá para tirar o corpo fora”: O legado de Carlos Walter Porto-Gonçalves (1949-2023) para a Geografia Ambiental e a Ecologia Política

Uma homenagem por  
Marcelo Lopes de Souza



Carlos Walter Porto-Gonçalves, fotografado durante evento no Rio de Janeiro (IV SOS Brasil Soberano), em 2017.  
(Fotografia: Senge RJ/Giorgia Prates) Fotografia: Juliana Adriano/Acervo NMD.

A seção “Obituário” de **AMBIENTES** foi inaugurada no número anterior, com a bela homenagem prestada por Armando de Melo Lisboa a Paulo Freire Vieira. A partida de Carlos Walter Porto Gonçalves (ou, como ele passou a assinar, Porto-Gonçalves) em 6 de setembro de 2023 deu um triste e dramático ensejo para que, logo no próximo número, tivéssemos de prestar novamente tributo a um colega e amigo que nos deixara. Chamei para mim mesmo, por razões tanto profissionais quanto afetivas, a responsabilidade de escrever este necrológio. Uma responsabilidade honrosa, certamente, mas dolorosa. Muito embora a morte seja inevitável, Carlos foi uma pessoa de quem eu gostaria de nunca ter de me despedir, e cada uma destas linhas é escrita com o orgulho de quem teve o privilégio de conhecê-lo e de com ele conviver, mas também com o pesar de quem sabe que não ouvirá mais seus gracejos, seu riso maroto, suas frases inspiradas, suas observações contundentes, suas lições eloquentes.

Que estas páginas sirvam, então, quando para mais não servirem, ao menos para apresentarem Carlos Walter Porto-Gonçalves a quem não teve a ventura de conhecê-lo pessoalmente. Saber um pouco sobre sua trajetória, sobre sua personalidade e sobre sua obra é, de algum modo, conviver um pouquinho com ele, assim como discutir as suas ideias é mantê-lo sempre vivo, ao nosso lado.

## Em todas as escalas

A frase que dá título a este obituário é parte de um trecho importante de um artigo de Carlos Walter, intitulado “De utopias e de *topoi*: Espaço e poder em questão (Perspectivas desde algumas experiências de lutas sociais na América Latina/*Abya Yala*)” (publicado em 2017), no qual ele diz:

Talvez devamos estar atentos que sendo o poder não uma coisa que se toma, mas relacional, seu exercício não está, na verdade, em nenhuma escala, mas na capacidade de cada grupo social saber/poder manejar as múltiplas escalas. No entanto, as sociedades cindidas hierarquicamente em classes/estamentos/castas sempre fazem fluir a riqueza material entre os diversos grupos/classes sociais e a riqueza, embora seja sempre significada simbolicamente, é parte do fluxo metabólico

da reprodução onde os corpos que conformam os espaços-tempos com suas relações estão sempre localizados. O local volta a cobrar sua importância. Afinal, do espaço não dá para tirar o corpo fora.

Nesse simples parágrafo o autor sintetiza não apenas toda uma série de conhecimentos politicamente essenciais – o poder como *relação*, não como “coisa”, seguindo os passos de Hannah Arendt; a característica desigual das sociedades em que vivemos; a indissociabilidade do material e do simbólico; o metabolismo que une os corpos ao conjunto da materialidade; as múltiplas escalas do poder e a necessidade de manejar as relações que costumam essas escalas; a relevância cotidiana e política do local –, mas também, implicitamente, um traço de seu caráter. “Do espaço não dá para tirar o corpo fora”: a consciência disso, e a coerência com que Carlos viveu essa

percepção tão sensata e corajosa, são um retrato daquele a quem presto agora a minha homenagem.

Carlos Walter nunca “tirou o corpo fora”. Cidadão do mundo, foi um cosmopolita com raízes, a começar pelo Brasil, que ele, de maneira tão densa e apaixonada, expandiu, nos anos 1990, para a América dita “latina” (ou *Abya Yala*). Ele soube, como poucos no mundo acadêmico, valorizar tanto intelectual e política e afetivamente os ambientes, territórios e culturas locais, com suas *geo-grafias* e *r-existências* (dois neologismos que a ele devemos). Porém, ele também soube colaborar para as necessárias políticas de escalas – articulando agentes/atores, promovendo apoios e solidariedades –, como aquela que o manteve como um interlocutor valioso dos seringueiros do Acre a partir de fins da década de 1980.

Para Carlos, a Geografia não era somente uma “disciplina”: ela era, em primeiro lugar, o pretexto para uma série de “indisciplinas”: a rebeldia do geógrafo crítico; além disso, a dupla rebeldia do geógrafo crítico que, em sendo identificado com a “Geografia Humana” (que ele, seguindo, talvez sem saber, o exemplo de Élisée Reclus, preferia denominar *Geografia Social*), não deixou jamais de se ocupar dos problemas ecológicos (ecológico-sociais) e de dialogar com a “Geografia Física”; por fim, a mãe de todas as indisciplinas, que consistia em valorizar genuinamente os conhecimentos tradicionais e vernaculares, tão depreciados pela ciência positivista. A Geografia de Carlos é tão visceral quanto as *r-existências* telúricas que ele estudou e com as quais se solidarizou e colaborou. Seu trabalho de campo não objetivava extrair

dados, como quem espreme uma fruta para, depois, descartar o bagaço; seu trabalho de campo era a imersão profunda nas lutas e nos mundos da vida de grupos e povos.

### **Tornar leve o pesado, sem tirar-lhe a contundência**

Como geógrafo engajado, Carlos Walter tinha uma peculiaridade: espirituoso, frasista incrivelmente divertido, pródigo e quase inigualável contador de histórias (puxou, nisso, nosso mestre em comum, Orlando Valverde), ele conseguia prender a atenção de uma plateia intercalando gracejos e brincadeiras com denúncias e uma indignação cívica sem par. O resultado disso era passar uma mensagem não raro dramática e encorajar-nos para tomar partido, mas sem nos deixar arrasados e esmagados sob o peso das denúncias de injustiças. Essa capacidade era uma arte que ele refinou ao longo das décadas. Certa feita, em algum momento no fim dos anos 2010, almoçávamos uma feijoada com amigos em um território remanescente de quilombo perto de sua casa, em Pendotiba (Niterói), quando ele pegou a garrafa de cerveja, que trazia “Gonçalves” no rótulo, e, colocando-a ao lado do rosto, brincou: “Porto... Gonçalves!”. Logo em seguida, disparou: “Acho que a minha verdadeira vocação é a de humorista”. Podemos não concordar inteiramente com ele, mas uma coisa é certa: ninguém, na Geografia brasileira das últimas décadas, soube ser tão brincalhão quanto ele – ao mesmo tempo em que nos disse e ensinou tantas coisas sérias e imprescindíveis.

Carlos sabia dizer coisas muito graves sem ser sisudo. Sabia dizer coisas complexas sem ser chato. E sabia fazer acrobacias linguísticas sem ser pomposo. Estas últimas, aliás, eram uma de suas “marcas registradas”. “Geo-grafar”, “geo-grafias” e “r-existência” são apenas alguns dos inúmeros exemplos, com sabor inclusive teórico-conceitual nestes casos específicos, da habilidade de Carlos Walter para criar expressões e frases de grande efeito estético e, simultaneamente, político. Suas falas e seus escritos estão eivados de ilustrações de sua ímpar capacidade de manejar a língua portuguesa para abrir as portas de nossa percepção, chamar a atenção para alguma coisa ou, simplesmente, despertar nosso interesse. Não por acaso, ele se interessava pela etimologia das palavras e pelos meandros da língua, como que buscando uma intimidade de amigo dileto, de confidente.

### **Uma trajetória impregnada de amor pelos lugares e pessoas**

Carlos formou-se em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1972, em pleno período dos “Anos de Chumbo” da ditadura implantada pelo Golpe de 64. Foi nessa época difícil que começou sua militância como estudante e, posteriormente, como jovem professor de ensino básico, como um dos rebeldes que forçaram a democratização da AGB, entre 1978 (Congresso de Fortaleza) e 1979 (mudança dos estatutos da entidade). Já como jovem geógrafo engajado e politizado Carlos Walter era, porém, um “revolucionário amoroso”. A postura agressiva de al-

guns de seus colegas estudantes aborreceu e até mesmo magoou geógrafos de esquerda de gerações anteriores, como Manoel Correia de Andrade, Orlando Valverde e Armen Mamigonian, que se sentiram injustiçados e, às vezes, desrespeitados. Sobre Carlos, porém, sempre só ouvi da boca de Orlando Valverde palavras de elogio e ternura (como o apelido “D’Artagnan”, devido à longa cabeleira e aos bigodes torneados à maneira de um mosqueteiro do século XVII, como no romance de Alexandre Dumas). Ao conhecer Carlos pessoalmente, anos depois, passei a perceber, nos mínimos detalhes, o seu cativante jeito de ser crítico sem ser destrutivo. Sua sensibilidade era extraordinária, e fui testemunha disso várias vezes (e me beneficiei disso concretamente em alguns casos). Era uma mistura de sentido ético do estar-no-mundo com algo muito mais singelo: Carlos gostava das pessoas. Sua indignação diante da pobreza, das iniquidades e das injustiças não nasciam de um recalque pessoal (apesar de ter ele, filho de operário, uma origem humilde), mas da solidariedade e do amor. Falando assim, soa talvez piegas; contudo, Carlos era, de fato, alguém que procurava, sempre ou quase sempre, a dimensão humana das ações e dos gestos – mesmo quando era para discordar e objetar. Por isso, seus gracejos eram antes carinhosos que sarcásticos; suas ironias não eram cínicas; sua tentativa era antes a de *convencer* (vencer com) do que, meramente, *vencer*, como ele mesmo ressaltou uma vez, em conversa. Em suma, era um humanista da melhor cepa.

Seu mestrado também foi em Geografia, e igualmente pela Universidade

Federal do Rio de Janeiro. Lá estava eu, durante a defesa de sua dissertação, em 1985, sobre *Os limites d’ “Os limites do crescimento”: Análise do relatório do Clube de Roma* (orientada por Milton Santos), na plateia. Não desconfiava ainda que me tornaria grande amigo daquele sujeito cabeludo, cuja eloquência me parecia espantosa.

Mais que amigo e colega, tive o privilégio de ser interlocutor e de gozar de sua confiança. Por essas circunstâncias, e, também, por generosidade de Carlos, fui convidado por ele para ser um dos examinadores de seu doutorado em Geografia, mais uma vez pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Confesso que hesitei; como poderia eu examinar Carlos Walter, ainda mais sobre tema que não me era muito familiar, como as lutas dos seringueiros? Fui convencido por ele, e aceitei. Para minha alegria, aprendi muito, lendo sua brilhante tese intitulada *Nos varadouros do mundo: Da territorialidade seringalista à territorialidade seringueira*, verdadeiro resumo de uma experiência singular de cooperação com Chico Mendes e seus companheiros, defendida em 1998.

Não poderia eu adivinhar, porém, que a generosidade de Carlos ainda me reservaria outras situações curiosas. A principal delas, seguramente a mais embaraçosa, foi quando ele me convidou, em 2017, para integrar a banca que o examinaria em seu concurso para Professor Titular da Universidade Federal Fluminense. Aceitei, novamente não sem antes hesitar. Argumentei eu: “Carlos, como é que você quer que eu examine você? Já não bastava ter me convidado para a sua banca de doutoramento?”. Ao

que Carlos retorquiu: “Se não for você a estar ali, com quem eu tenho afinidade e que conhece o meu trabalho, serei obrigado a convidar alguém que talvez não tenha esses atributos.” Com isso, Carlos venceu a minha resistência e me colocou, mais uma vez, em uma situação um pouco constrangedora. Para não deixar por menos, e para diminuir um pouco o meu embaraço, comecei assim a minha “arguição”: “Carlos Walter me colocou em uma posição difícil. Como pode um discípulo examinar o mestre? Não pode. Por isso, a minha arguição não será uma arguição, mas sim o prosseguimento de um diálogo que se iniciou há exatas três décadas, e em cujo contexto eu tenho aprendido muito.” Para Carlos, o importante era ter uma interlocução que ele achasse que faria sentido; formalidades acadêmicas tinham pouca ou nenhuma relevância. As ideias e seu alcance político – isso, sim, tinha importância.

A trajetória profissional de Carlos Walter foi, desde os tempos de estudante, indissociável tanto de sua atuação política, como ativista (e não propriamente como “homem de partido”, ainda que, na juventude, tivesse estado muito próximo de uma militância trotskista). Essa indissociabilidade o levou a muitos lugares, mas em especial à Amazônia e, também, ao diálogo com colegas e ativistas de países vizinhos na América “Latina”. E o levou, também, a cultivar laços de amizade e afeição muito especiais com Florianópolis, cidade onde havia feito seu estágio pós-doutoral (entre 2016 e 2017) e na qual foi professor visitante (na UFSC), vindo a falecer ali, cercado do carinho e das atenções de vários bons amigos.

## Um currículo marcado por combates e reconhecimento

Os combates que Carlos Walter combateu, para além da assessoria e da parceria mantidas com o movimento dos seringueiros, foram combatidos junto a diversas entidades e organizações de movimentos sociais. Destacam-se, aí, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), mas ele deu contribuições para outras tantas lutas, como aquela dos atingidos pela mineração.

Carlos foi agraciado com vários prêmios, dentre os quais sobressaem os seguintes: Prêmio Chico Mendes, na Categoria de Ciência e Tecnologia, pelo Ministério do Meio Ambiente, em 2004; Prêmio Casa de las Américas, em 2008, em Havana, Cuba, por seu livro *A globalização da natureza e a natureza da globalização*; Prêmio Geógrafo de Destaque “Manoel Coreia de Andrade”, outorgado pela ANPEGE em 2017; Prêmio Milton Santos de Mérito Geográfico, recebido durante o XVII Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL), em 2019, em Quito, Equador. A esses galardões, outros tantos reconhecimentos se somaram: medalhas, outros prêmios, menções de louvor. Sei, contudo, que, para Carlos Walter, o verdadeiro prêmio era ver suas ideias ajudando, de alguma maneira, movimentos emancipatórios a alavancarem e construir suas lutas – vale dizer, suas r-existências.

Não é que Carlos estivesse “sempre” certo (ora, nunca ninguém estará, pois é próprio do humano falhar e, se tiver grandeza, reconhecer suas falhas e tentar superá-las). As circunstâncias difí-

ceis de uma formação em meio à conjuntura política ditatorial do Regime de 64, muito particularmente para alguém oriundo da classe trabalhadora, impuseram a ele algumas lacunas de formação, que dificultaram enormemente seu acesso a determinadas fontes bibliográficas e ambientes de debate. Se a isso somarmos o seu temperamento e seu fenomenal talento de improvisador incorrigível – se ele tivesse sido músico, seguramente teria sido um *virtuoso* do jazz, e não alguém muito afeito a ler partituras ou à disciplina orquestral –, veremos que Carlos nem sempre era totalmente preciso em suas interpretações etimológicas ou no que concerne a informações históricas, por exemplo. Sua intuição era tão impressionantemente profunda que eu, volta e meia, tinha a sensação de que ele confiava um pouquinho demais nela, o que o levava, às vezes, a deixar de checar devidamente as fontes e, com isso, aqui e ali, a sacrificar o rigor – problema perfeitamente compreensível em uma intervenção oral, embebida nas emoções do momento, mas menos compreensível em uma intervenção escrita. Dava-me pena, por isso, quando, em uma ou outra ocasião, eu via que algum colega (em geral conservador) se valia da existência de imprecisões ou escorregões para deixar transparecer uma ponta de desprezo pela contribuição de Carlos. Por outro lado, essa implicância, que me enchia de raiva e tinha comumente a sua raiz (consciente ou não) em elitismo e reacionarismo, revelava, mais que as falhas do intelectual criticado, a mesquinhez e o provincianismo do próprio crítico: afinal de contas, Carlos, mesmo quando era eventualmente impreciso ou incompleto nos

detalhes, nas grandes linhas estava correto, ao passo que os pedantes, “sebosos” e intelectualmente míopes, mesmo quando certos quanto a muitos pormenores, compreendiam mal as grandes linhas. A diferença entre a grandeza de um e a mediocridade pernóstica de outros salta aos olhos.

### **Contribuição para a Geografia Ambiental e a Ecologia Política**

A contribuição de Carlos Walter Porto-Gonçalves para a Geografia Ambiental foi imensa, mesmo que ele não tivesse usado esta expressão. O que interessa, todavia, é que ele, ao se recusar a ajudar a dinamitar a ponte entre Geografia Humana e Geografia Física – no que ele se diferenciou da maioria dos demais que estiveram na vanguarda da renovação crítica da disciplina no Brasil e no mundo, que acharam que a Geografia deveria reinventar-se como “ciência social pura” –, não menosprezou o contato com a pesquisa natural e muito menos hostilizou os que a praticavam. Carlos sempre tratou com carinho e deferência não somente geógrafos como Orlando Valverde e Manoel Correia de Andrade, expoentes da Geografia Agrária e da Geografia Regional de uma geração anterior (e precursores, entre nós, de uma Geografia socialmente crítica e engajada), mas também um mestre da Geografia Física como Aziz Ab’Sáber, para não falar de geógrafos físicos politicamente progressistas e comprometidos de sua própria geração, como Elmo Amador e Dirce Suertegaray, que ele via como parceiros.

No caso da Ecologia Política, entretanto, a contribuição de Carlos Walter foi

até mais direta, pois explicitamente reivindicou, desde cedo, sua vinculação, enquanto geógrafo, a esse campo interdisciplinar. Sua coletânea de ensaios de 1984, com o sugestivo título de *Paixão da Terra: Ensaios críticos de Ecologia e Geografia*, dá já um primeiro significativo testemunho bibliográfico de uma trajetória que, tendo conhecido transformações e camadas crescentes de complexidade, permaneceu fiel a si mesma. Sem mencionar os vários livros escritos em coautoria e aqueles organizados juntamente com colegas, e sem poder mencionar os numerosos artigos e capítulos de coletâneas, basta lembrarmos de alguns livros (em geral, longos ensaios) para aquilatar-mos a enormidade de seus aportes ao pensamento político-ecológico “latino”-americano: entre *Paixão da Terra*, de 1984, e *Os (des)caminhos do meio ambiente*, cuja primeira edição é de 1989 (e que teve várias tiragens e reedições ao longo dos anos), e livros relativamente recentes como *Dos Cerrados e de suas riquezas: De saberes vernaculares e de conhecimento científico*, de 2019, e *Amazônia – Encruzilhada Civilizatória: Tensões territoriais em curso*, de 2017, várias foram as contribuições de peso, às vezes seminais. Mencionemos, por exemplo, sua tese de doutorado, *Geografando nos Varadouros do Mundo: da territorialidade seringalista (o seringal) à territorialidade seringueira (a Reserva Extrativista)*, publicada em 2003 pelo Ibama; seu incontornável *Amazônia, Amazônia*, de 2001; seu não menos incontornável (e que lhe valeu o prêmio Casa de las Américas) *A globalização da natureza e a natureza da globalização*, cuja primeira edição é de 2006;

e o *O Desafio Ambiental*, com suas várias edições sucessivas.

As obras de Carlos Walter circularam internacionalmente, principalmente em nosso continente, *Abya Yala*. Sozinho ou em coautoria com colegas de outros países, assinou diversos trabalhos importantes que foram traduzidos para o castelhano ou já surgiram nessa língua. Impossível não recordar, para começo de conversa, *Geo-grafias: Movimientos sociales, nuevas territorialidades y sustentabilidad*, publicado no México pela prestigiosa editora Siglo XXI em 2001, e que foi grandemente responsável por tornar as suas ideias acessíveis a um público não familiarizado com a língua portuguesa.

Em todas as suas contribuições escritas, assim como em suas eloquentes palestras e aulas, e igualmente em sua atuação como ativista, as marcas distintivas e indelévels de Carlos Walter poderiam ser talvez resumidas da seguinte maneira: **1)** uma compreensão profundamente geográfica (embora não estreitamente “disciplinar”) do metabolismo ecológico-social, de seus fatores condicionantes macrossociais (do modo de produção à cultura) e de suas implicações políticas; **2)** uma extraordinária sensibilidade para com as diferenças culturais e para com o imperativo ético-político de respeito à alteridade (sensibilidade essa que Carlos, de maneira fascinante, expressava com grande verve e também de um jeito profundamente telúrico, o que o levava a compor neologismos certos como *geo-grafar* e *r-existência*); **3)** uma exigência intransigente de valorização dos saberes locais ou vernaculares, mas também dos saberes acadêmicos originários de nosso continente, sem prejuízo

do reconhecimento da necessidade de cultivar interlocutores em todos os rincões do planeta (*inclusive*, mas não *prioritariamente*, na Europa e nos Estados Unidos).

A síntese que acabo de fazer é, por óbvio, muito lacunar e imperfeita. Não consigo fazer plena justiça ao pensamento e à obra de Carlos Walter. Porém, creio que dá uma ideia bastante razoável da quintessência daquilo que o movia intelectual, ética e politicamente, e, também, de sua “agenda” e de suas prioridades. Em suma, de sua alma: uma alma de geógrafo sobretudo “humano” (e um grande humanista), mas que valorizava e reconhecia seus colegas “físicos” como parceiros imprescindíveis; uma alma de geógrafo que, não obstante, buscava beber nas fontes as mais variadas, da Filosofia às ciências sociais e humanas, com grande destaque, desde cedo, para o pensamento marxista; uma alma de geógrafo marxista que, sem embargo, foi incrivelmente tolerante, aberto e carinhoso para com o pensamento libertário, do anarquismo clássico ao autonomismo castoriadiano; uma alma de geógrafo brasileiro que, avesso a fronteiras estatais, se reconheceu em seus colegas de outros países, em especial do Sul Global e, mais particularmente ainda, de *Abya Yala*, e neles reconheceu irmãos e irmãs; uma alma de geógrafo que, mesmo tendo se tornado classe média e figura de proa do mundo universitário (chegando a atingir a posição de Professor Titular), jamais esqueceu de suas origens humildes ou deixou de lado o compromisso de combater ao lado dos oprimidos, subalternizados, explorados – de qualquer lugar, e do planeta inteiro.

## **Não nos despedimos de alguém que nunca estará ausente**

Desde novembro de 2022, quando Carlos não pôde se juntar a nós durante o II SIMGAT (Simpósio Nacional Geografia, Ambiente e Território), em Belém do Pará, eu já vinha me preparando para o momento em que teria de dizer adeus. Momento que, todavia, eu preferia acreditar que não chegaria tão cedo. Afinal, tratava-se de Carlos Walter Porto-Gonçalves: com sua inteligência, seu senso de humor, seu jeito malandrinho, sua capacidade de argumentação, ele seria capaz de enrolar um pouco mais a própria Morte, convencendo-a a deixá-lo ficar mais tempo com os amigos, com os colegas, com os admiradores. Talvez a Morte topasse uma barganha, do tipo: você me conta uma história original e interessante por dia, e eu vou deixando você ficar. Um contador de histórias e frasista inigualável como Carlos Walter certamente poderia esticar ainda muito o seu tempo com a gente. Mas não deu. Ele partiu,

muito mais cedo do que seria de se esperar – principalmente, muito mais cedo do estávamos dispostos a aceitar.

Como estas páginas deixaram ver, perdi um amigo e um mestre. Perdi aquele que, depois de Orlando Valverde, foi talvez a minha referência intelectual e ético-política mais forte na Geografia. Consola-me, ainda assim, saber que a perda, em se tratando de alguém que fez história, nunca é total. O corpo não estará mais em nossa companhia, mas as ideias – e que ideias! –, essas estarão com a gente por muito, muito tempo.

Onde houver injustiça, lá estará Carlos Walter.

Onde houver ambientes, territórios e culturas de povos e grupos oprimidos a defender, lá estará Carlos Walter.

Onde houver alguém gritando por respeito e dignidade, lá estará Carlos Walter.

Onde houver Geografia crítica e geo-grafias insurgentes, lá estará Carlos Walter.

Carlos Walter Porto-Gonçalves, presente!